
O ADOECIMENTO COMO ALEGORIA

DA FUNÇÃO TRANSCENDENTE:

UM OLHAR A PARTIR

DA ABORDAGEM JUNGUIANA*

DOI 10.18224/frag.v33iEsp.13491

LEANDRO DA COSTA ALHADAS CAVALCANTI**
ANDREA OLÍMPIO DE OLIVEIRA***

Resumo: a partir da perspectiva da Psicologia Analítica, busca-se uma compreensão integrativa do adoecimento como parte de um movimento arquetípico de transcendência individual e coletiva própria da totalidade e identidade corpo-psique. Intenciona-se criar possibilidades para perceber o adoecimento e os sintomas psíquicos e somáticos como um tipo de linguagem que permeia entre o simbólico e o alegórico. Utilizando o conto indígena brasileiro “A Lenda das Duas Árvores” e textos de autores junguianos e não-junguianos o artigo faz uma articulação teórica-interpretativa entre as imagens que surgem através da narrativa do conto com os conceitos de função transcendente, símbolo e alegoria para então relacioná-los com adoecimento considerando sua qualidade curativa nas dimensões biológicas e psíquicas da alma. Dessa forma, o adoecimento é percebido como uma espécie de solução da unidade corpo-psique para comunicar algo que transcenda ao ego e fazer revelar (trazer à consciência) algo que está velado e no âmbito do inconsciente.

Palavras-chave: *Saúde. Adoecimento. Psicologia Analítica.*

Alicerçado na teoria Junguiana, este estudo visa compreender o ser humano como unidade corpo-psique e seu adoecimento como um fenômeno integrado que busca uma solução autorreguladora e compensatória da libido (energia psíquica), e que este fenômeno é natural do ser humano independente do tempo histórico, da cultura ou do gênero. O fenômeno do adoecimento age de forma única em cada indivíduo, mas enquanto temática, é um tipo de experiência universal, encontrando expressão biológica e psíquica presente no coletivo e pertencente à própria dinâmica de existir no mundo, remontando a tempos arcaicos e primordiais da espécie humana.

Temos que responder a uma pergunta que já foi formulada nos Evangelhos: O que é a verdade? Eu acho que definições claras devem ser dadas aos conceitos básicos em qualquer

* Recebido em: 25.05.2023. Aprovado em: 27.06.2023.

** Pós-graduando em Psicologia Analítica pela USCS. *E-mail:* leandro.konekta@gmail.com

*** Doutoranda em Ciência da Religião pela UFJF. *E-mail:* andrea.olimpiodeoliveira@gmail.com

campo. Como obter uma definição prática do conceito “verdade”? Talvez uma alegoria possa nos ajudar (JUNG, 2013b, p. 269, § 609).

Entende-se que o adoecimento não é despertado somente em momentos de crise. Ele consiste em um fenômeno que se desenvolve como parte de um processo de maturação do ser humano, e que faz emergir à consciência conteúdos inconscientes da psique, configurando-se como uma espécie de solução para comunicar algo que transcenda ao ego. Este trabalho tem como objetivo geral, através da perspectiva da Psicologia Analítica, fazer uma análise mais profunda e integrativa do adoecimento humano e seus sintomas como uma manifestação simbólica da psique, utilizando um conto indígena brasileiro como uma forma de expressão alegórica e representação imagética. Além de textos extraídos das Obras Completas de Jung, recorreu-se a outros autores junguianos e pós-junguianos assim como de literatura e linguística e artigos científicos que dialogam com o tema investigado.

Pretende-se apresentar conceitos junguianos necessários para uma compreensão de que o adoecimento pode constituir-se como algo que faz parte do processo autorregulador e de compreensão da unidade psique-corpo, e como este se relaciona com o conceito de alegoria e função transcendente. Através da análise de um conto transmitido de forma oral, “A Lenda das Duas Árvores”, identificado como pertencente ao povo originário brasileiro Bororo, espera-se contribuir para o entendimento sobre o adoecimento.

Desse modo, o trabalho faz uma articulação teórica-interpretativa entre as imagens que surgem através da narrativa do conto com os conceitos de símbolo, alegoria, saúde e adoecimento para, então, relacioná-los com o conceito junguiano de função transcendente. Aspira-se, assim, a pensar o adoecimento humano e seus sintomas como parte de um movimento de transcendência da própria psique, na busca de integração de conteúdos conscientes e inconscientes.

A pesquisa se justifica, pois, ao compreender o adoecimento humano e seus sintomas como parte de um movimento de transcendência individual e coletiva, observa-se sua qualidade curativa, considerando as dimensões tanto as dimensões biológicas e psíquicas, quanto as da espiritualidade e religiosas, em vez de ver o adoecimento apenas como um problema que surge em momento de crise e de maneira negativa. Embora haja muitos estudos sobre a relação entre contos e psicologia analítica, há uma escassez de textos que exploram especificamente a simbologia do adoecimento humano através de contos indígenas brasileiros. Ao debruçar-se sobre um conto indígena, a pesquisa traz uma valorização e reconhecimento da cultura indígena brasileira, frequentemente negligenciada ou desvalorizada.

O artigo busca ser acessível a um público amplo, apresentando de maneira sucinta tópicos gerais da psicologia analítica como aspectos da dinâmica psíquica e conceitos como libido, símbolo, alegoria, função transcendente e adoecimento.

Julga-se de interesse também destacar que no desenvolvimento e construção da Psicologia Analítica, Jung bebeu em diversas fontes de saber que percorrem, entre outras, as áreas da psicologia, psiquiatria e médicas, como também estudos em física, filosofia, religião e mitologia. Esta característica faz com que a Psicologia Analítica possua atributo integrativo e transdisciplinar. Por isso, ao mencionar uma abordagem junguiana, pode-se considerá-la como uma cosmovisão, na medida em que se configura como um olhar mais amplo para além do objeto de pesquisa mente e corpo. Considera-se, pois, o humano em sua totalidade.

Nesse sentido, quando se aventura em uma jornada exploratória por temas a partir do paradigma junguiano, este atributo da transdisciplinaridade oferece dois tipos de desafios: um é de ser sucinto

demais ao abordar algum aspecto e correr o risco de ser demasiadamente raso por não considerar as múltiplas facetas e dimensões possíveis que aquele tema lhe permite. O outro, é justamente o seu oposto: como se cada tema ao qual se debruça, fosse um chamado sedutor, a se embrenhar pelas ruelas e caminhos que surgem, e submergir tão fundo que, de repente, percebe-se de volta ao labirinto de Minos, como que em um transe heroico, fantasiando vencer o Minotauro. Essa imagem ao considerar os dois “riscos” em oposição acima, condiz com o próprio princípio de *enantiodromia* e a relação de opostos que atravessa toda a cosmovisão junguiana e será esclarecida mais adiante.

Uma vez apresentada uma base para a compreensão junguiana da dinâmica da psique, intenciona-se criar possibilidades para perceber o adoecimento e os sintomas psíquicos e somáticos como um tipo de linguagem que permeia entre o simbólico e o alegórico; como parte de um movimento arquetípico de transcendência individual e coletiva própria da totalidade e identidade corpo-psique. Ao invés de cindi-lo em biológico e psíquico, através do referencial teórico, almeja-se observar o adoecimento e seus sintomas com uma manifestação expressiva que também pode ser curativa. Assim, o adoecimento é percebido como um fenômeno que poderia configurar-se como uma espécie de solução da unidade corpo-psique para comunicar algo que transcenda ao ego e fazer revelar (trazer à consciência) algo que está velado (conteúdos imagéticos) e no âmbito do inconsciente.

Finalmente, ao relacionar manifestações de adoecimento como uma forma de expressão alegórica da função transcendente, espera-se que, por meio da narrativa indígena, seja possível obter uma compreensão mais profunda e integrativa do adoecimento humano.

A DINÂMICA DA PSIQUE NA ABORDAGEM JINGUIANA

A Psicologia Analítica compreende que a estrutura psíquica funciona como sistema energético “relativamente fechado” e que a energia psíquica (libido) não é criada ou destruída, mas sim redistribuída entre as instâncias inconscientes e conscientes da psique. Logo, suas “transposições de energia também levam a uma equalização das diferenças” (JUNG, 2013d, p. 36, § 49).

Além disso, a abordagem junguiana enfatiza a importância dos arquétipos como padrões universais de pensamento e de comportamento que estão presentes em todas as culturas e épocas. Quanto ao inconsciente, a Psicologia Analítica o divide em duas instâncias: inconsciente pessoal e inconsciente coletivo. O inconsciente pessoal é formado por ideias e sentimentos reprimidos que foram desenvolvidos durante o percurso da vida de um indivíduo. Já o inconsciente coletivo não é adquirido individualmente, mas sim herdado e compartilhado por toda a humanidade. Ele é composto por conteúdos que representam os modos de reação típica da humanidade em situações gerais da natureza humana, como medo, perigo, luta contra poderes superiores, relacionamentos familiares, nascimento e morte, entre outros. Esses conteúdos são compartilhados por toda a humanidade, sem levar em consideração diferenças históricas ou étnicas (JACOBI, 2013, p. 25-26).

A Estrutura da Psique

Em termos etimológicos, a palavra “psique” (do grego ψυχή, *psychē*) está relacionado ao ato de “soprar” ou “respirar”, sendo assim, podendo ser relacionada ao sentido de respiração, ou sopro vital da vida. Contudo, encontra-se, em várias fontes de pesquisa etimológica online e impressa, a associação de tal palavra ao sentido de alma ou espírito. Apesar de Jung ter utilizado este termo em alguns momentos de forma intercambiável (psique e alma), no volume Tipos Psicológicos das Obras Completas, o autor faz uma diferenciação entre os dois conceitos:

No decorrer de minhas investigações sobre a estrutura do inconsciente fui obrigado a fazer uma distinção conceitual entre alma e psique. Por psique entendo a totalidade dos processos psíquicos, tanto conscientes quanto inconscientes. Por alma, porém, entendo um complexo determinado e limitado de funções que poderíamos caracterizar melhor como “personalidade” (JUNG, 2013a, p. 424, § 752).

O que o autor constata é o fato de a psique ser considerada como uma totalidade, e mesmo ao falar de alma, ele não atribui um caráter exotérico, mas sim funcional.

Jung atribui à energia psíquica, o termo libido. No entanto, o autor apresenta uma concepção diferente da psicanálise. Enquanto que para esta a libido estaria “postulada como um substrato das transformações da pulsão sexual quanto ao objeto (...), meta (...) e fonte da excitação sexual”, na concepção junguiana, a libido é designada como “energia psíquica”, “presente em tudo o que é “tendência para”, *appetitus*” (PONTALIS; LAPLANCHE, 1998, p. 265-256).

Quanto à movimentação desta libido, Jung se apropria do termo *enantiodromia*, cunhado pelo filósofo Heráclito. Em grego clássico, *enantios* significa oposto e *dromos*, pista de corrida. Pode-se dizer, então, que a junção dos dois termos poderia traduzir-se em uma grande força em uma direção gerando outra no sentido oposto. Pieri (2022, p. 355-356) apresenta a ideia de opostos como algo que possui uma “relação de exclusão”, mas que concomitantemente possui uma “relação de tipo polar, que os mantém em estado de tensão”, ou seja, que esta condição da energia psíquica é constante e a psique é “um sistema que se autorregula, pelo princípio da compensação”.

Assim, para tudo que existe precisamos considerar que o seu oposto também existe. Da mesma forma, tem-se pares de opostos em inúmeros aspectos, mas que, se baseando na compreensão de opostos referenciada, há também sempre algum princípio que os unifica: corpo e psique, masculino e feminino, nascimento e morte, frio e calor, adoecimento e cura e assim por diante, sendo que o inconsciente e o consciente seriam o par de opostos primordiais. A partir desta compreensão, estabelece-se que algo que se manifesta internamente buscará representação em seu oposto externamente e o tensionamento destas forças gerará algo novo. Em outras palavras, adoecimento e cura são forças que compõem um vínculo identitário, estão a serviço da autorregulação psíquica e buscam uma harmonização do tensionamento entre si. Jung afirma que:

Como a psique e a matéria estão encerradas em um só e mesmo mundo, e, além disso, acham-se permanentemente em contato entre si, e em última análise, assentam-se em fatores transcendentais e irrepresentáveis, há não só a possibilidade, mas até mesmo uma certa probabilidade de que a matéria e a psique sejam dois aspectos diferentes de uma só e mesma coisa (JUNG, 2013a, p.165, § 418).

Nasser (2010), em seu artigo, *A identidade corpo-psique na psicologia analítica*, vê, na definição de psique, uma instância que representa a totalidade do indivíduo, e serve como substrato para o entendimento do ser humano como uma identidade corpo-psique: “este conceito sustenta a ideia primordial de Jung de que uma pessoa, em primeiro lugar, é um todo e não apenas uma reunião de partes” (NASSER, 2010, p. 326)

Nasser (2010, p. 328) recorre a Walter Boechat quando este último recorda que Jung utilizou o teste de associação de palavras para estudar os complexos psicológicos, demonstrando a conexão entre corpo e mente por meio da mensuração de manifestações somáticas desses complexos com instrumentos como o galvanômetro e o voltímetro. Isso comprova, assim, que

esses complexos pertencem à unidade corpo-psique, e sua presença pode ser experimentalmente demonstrada.

Estruturalmente, a psique seria composta por vários níveis ou camadas e à morada de certas estruturas que Jung atribui o nome de complexos e arquétipos. Pode-se dizer que os protagonistas destes destas duas estruturas seriam, respectivamente, o eu (ego) e o si-mesmo (self). O eu caracterizando-se como um complexo e o centro moderador da dimensão consciente da psique, e o si-mesmo, como um arquétipo e o núcleo central da mesma, ou seja, a instância que representa a totalidade do indivíduo.

Nasser (2010) aponta que o complexo tem sua própria energia e pode influenciar o comportamento, os sentimentos e os pensamentos do indivíduo e que, de acordo com Jung, “uma pessoa não possui um complexo: é o complexo que possui a pessoa” (NASSER, 2010, p. 328). Os complexos em si não são considerados “bons” ou “maus”. Eles são, na verdade, componentes da psique humana e reúnem experiências afetivas relacionadas a qualquer tema ou conjunto de temas. Essa interrelação e diferenciação do eixo ego-self fica clara nesta citação de Jung: “O eu é o sujeito apenas de minha consciência, mas o si-mesmo é o sujeito do meu todo, também da psique inconsciente” (JUNG, 2013a, p. 444, § 796).

No que se refere a arquétipos do grego, *arché* (“princípio”, “posição superior”); e *tipós*: (“figura, marca, impressão, forma original”). Em seu *Dicionário Crítico de Análise Junguiana*, Samuels (1986) afirma que o arquétipo é considerado um componente vital e necessário para a economia psíquica e que é essencialmente psicossomático:

O arquétipo é um conceito psicossomático, unindo corpo e psique, instinto e imagem. Para Jung, isso era importante, pois ele não considerava a psicologia e imagens como correlatos ou reflexos de impulsos biológicos. Sua asserção de que as imagens evocam o objetivo dos instintos implica que elas merecem um lugar de igual importância (SAMUELS, 1986, p. 16).

O arquétipo pode ser compreendido como presente em todos os indivíduos e parte da nossa estrutura psíquica. No que se refere a ao si-mesmo, enquanto arquétipo central da psique, Samuels (1986) o posiciona como o princípio unificador que ocupa uma posição central de autoridade na psique e tem influência significativa sobre a vida psicológica e o destino do indivíduo. No que diz respeito à relação entre o si-mesmo (self) e o eu (ego), Vieira (2003, p.67) afirma que o si-mesmo auxilia “o eu no processo de construção de uma completude ou de totalidade psicológica” e que é “ao mesmo tempo o centro inconsciente da personalidade (certamente um centro virtual), mas também a totalidade de seus aspectos e conteúdos”.

Função Transcendente

Em termos gerais, a função transcendente é a união de conteúdos conscientes e inconscientes e a reconciliação dos pares de opostos. Mas Jung chama a atenção de que por “função transcendente”

não se deve entender algo de misterioso e por assim dizer suprassensível ou metafísico, mas uma função que, por sua natureza, pode-se comparar com uma função matemática de igual denominação, e é uma função de números reais e imaginários. A função psicológica e “transcendente” resulta da união dos conteúdos conscientes e inconscientes (JUNG, 2013c, p. 13, § 131).

Uma forma de ilustrar isso é pensar um pai e uma mãe que gera um filho. O filho é resultado da integração do pai e da mãe, mas é um indivíduo de essência própria. Nas narrativas míticas, por exemplo, quando um deus gera um filho ou filha com outra divindade, este último(a) contém elementos do pai e da mãe, mas com atribuições específicas. Este enredo arquetípico também ocorre com os conteúdos da psique que está em um constante movimento de regulação e harmonização entre os opostos. Do mesmo modo que a fusão de nossas próprias forças antagônicas pode nos conduzir a uma nova dimensão de nosso ser. Ao integrar nossos aspectos sombrios e luminosos, masculinos e femininos, somos capazes de transcender nossos limites individuais e alcançar um nível mais elevado de consciência. Jacobi (2013, p. 231) destaca que por “função”, entende-se como uma função matemática complexa; composta por outras funções. De forma análoga, ao termo “transcendente”, não lhe é atribuído uma qualidade metafísica, mas indica que, por meio dessa função, ocorre uma transição de uma atitude para outra.

Damiao Jr. (2019, p. 9) reitera Jung ao afirmar, que, para suprimir a separação entre a consciência e o inconsciente, é necessário integrar os conteúdos de ambos sem condená-los. Assim, a função transcendente é um princípio dinâmico de organização que estabelece relações, compõe malhas e possui expressão simbólica. Dessa forma, a função transcendente equipara-se com o próprio símbolo e é vista como uma estrutura e modelo organizador capaz de ultrapassar limites e dicotomias, já que integra os opostos e supera cisões como homem-mundo, sujeito-objeto, psique-corpo e interno-externo.

A partir desse entendimento, pode-se fazer uma relação direta de função transcendente com um símbolo vivo pois por um lado, traz uma parte acessível à razão e, por outro, faces mais ocultas do inconsciente.

A DIFERENÇA DE ALEGORIA E SÍMBOLO NA COMPREENSÃO DO ADOECIMENTO HUMANO

Partindo-se da compreensão de que todos os opostos tenham algo que os unem, podemos dizer que, mesmo quando algo é revelado, há outro aspecto deste algo que permanece velado. “O símbolo vela, enquanto a alegoria revela” (PIERI 2022, p. 27). Portanto, para melhor compreensão da interlocução entre alegoria e símbolo e para a ampliação do entendimento sobre adoecimento enquanto parte de um processo de transcendência, é importante caracterizar e diferenciar ambos os termos. Jung afirma que:

Toda concepção que explica a expressão simbólica como analogia ou designação abreviada de algo conhecido é semiótica. Uma concepção que explica a expressão simbólica como a melhor formulação possível de algo relativamente desconhecido, não podendo, por isso mesmo, ser mais clara ou característica, é simbólica. Uma concepção que explica a expressão simbólica como paráfrase ou transformação proposital de algo conhecido é alegórica (JUNG, 2013a, p. 487, § 904).

Entender esta concepção sob o princípio da *enantiodromia* e como uma característica arquetípica, ou seja, inata da dinâmica psíquica, é essencial para pensar como a alegoria se posiciona em relação ao símbolo. Ao comentar a diferenciação entre símbolo e alegoria, a autora junguiana JACOBI (2013, p. 155-156) diz que:

Uma alegoria é um sinal, uma expressão sinônima para um conteúdo conhecido; mas o símbolo sempre abarca também algo não exprimível através da linguagem (...) “De

qualquer modo, símbolos podem sempre “degenerar” em sinais, tornando-se em “símbolos mortos”, na medida em que o sentido oculto no símbolo é desnudado inteiramente, suspendendo sua carga significativa, uma vez que agora podemos apreendê-lo completamente pela razão. Isso porque um símbolo autêntico jamais pode ser interpretado sem deixar restos. Podemos deduzir da consciência sua parte racional, e de sua parte irracional apenas “aproximar-se com o coração”. Por isso, um símbolo fala sempre ao mesmo tempo ao todo da psique, sua parte consciente e também inconsciente, assim como a todas as suas funções.

Partindo, então, das definições de símbolo e alegoria, Pieri (2022, p. 26-27) diferencia alegoria da acepção final do termo símbolo, dizendo que este exprime elementos psíquicos complementares aos da consciência e ainda não conhecidos por ela. Quanto à alegoria, o autor reúne quatro características que Carl Gustav Jung atribui à produção e interpretação alegórica: i) a ampliação de significados já existentes, sem transformá-los; ii) o trânsito entre diferentes níveis de significado, como o literal e o psicológico; iii) a intencionalidade e não transcendência involuntariamente ao pensamento já formulado conscientemente; iv) as representações alegóricas sistêmicas e tipicamente convencionais, com significados limitados a determinadas culturas.

Carlos Ceia (1998), em seu texto intitulado *Sobre o Conceito de Alegoria*, traz aspectos da sua pesquisa relacionada à entrada do termo “alegoria” no *Dicionário de Termos de Teoria e Crítica Literária*. Este projeto foi dirigido pelo próprio autor com a colaboração de mais de 120 especialistas portugueses e brasileiros. O artigo inicia com a frase: “Uma alegoria é aquilo que representa uma coisa para dar a ideia de outra através de uma ilação moral” (CEIA, 1998, p. 19). Seu artigo e a discussão apresentada faz um paralelo entre símbolo e alegoria através de vários tempos e diversos autores. Ele argumenta que Goethe distinguiu retórica simbólica e a alegórica, entendendo que o símbolo é dotado de maior amplitude de significação em relação à alegoria e que Goethe chega mesmo a defender a tese de que a distinção entre ambos é a prova de fogo para qualquer aspirante a poeta.

O autor também destaca que do ponto de vista etimológico, a palavra grega *allegoría* significa “expressar o outro”, ou seja, comunicar algo que difere do seu sentido literal. Essa palavra substituiu, durante o tempo de Plutarco (c. 46-120 d.C.), um termo mais antigo chamado *hypónoia*, que significava “significado oculto” e era utilizado para interpretar, por exemplo, os mitos de Homero como personificações de princípios morais ou forças sobrenaturais. A alegoria, portanto, se distinguiria do símbolo pelo fato de ter um caráter moral e representar a realidade de forma detalhada, analisando cada elemento individualmente, ao invés de considerá-la como um todo coeso (CEIA, 1998, p. 19).

Por outro lado, a expressão simbólica transformaria o fenômeno em ideia e a ideia em imagem, de tal forma que, na imagem, a ideia permanece infinitamente eficaz e inalcançável. Mesmo que seja expressa em todas as línguas, essa ideia continuaria a ser indizível pois o símbolo vai sempre conter algum elemento sombrio, aquém da luz da consciência. Por sua vez, a alegoria transforma o fenômeno em um conceito e o conceito em imagem, mas nessa imagem o conceito permaneceria limitado e passível de ser completamente compreendido e utilizado. A imagem aqui, passaria a expressar esse mesmo conceito (passa a ser uma referência).

Pereira (2007, p. 49), em sua dissertação, *Barroco, Símbolo e Alegoria em Walter Benjamin* diz que a alegoria “adentra de modo não intencional no símbolo místico, negativo; nisso consiste precisamente a sua dialética: ela se reveste de símbolo, mas não é símbolo”. Essa afirmação remete à concepção de que a alegoria é uma roupagem que permite a presença do símbolo. Além disso,

Cais sugere que a alegoria revela novas possibilidades de significação e que o esforço interpretativo da alegoria surge da impossibilidade de compreender o fundo escuro e enigmático do símbolo, e que a alegoria remete a uma dimensão na qual “se entrecruzam espaço e tempo sagrados”. De acordo com Jung:

Enquanto um símbolo for vivo, é a melhor expressão de alguma coisa. E só é vivo enquanto cheio de significado. Mas, uma vez brotado o sentido dele, isto é, encontrada aquela expressão que formula melhor a coisa procurada, esperada ou pressentida do que o símbolo até então empregado, o símbolo está morto, isto é, só terá ainda significado histórico. Pode-se continuar falando dele como de um símbolo, sob a tácita pressuposição de que falamos sobre o que ele foi no passado, antes que tivesse nascido dele uma expressão melhor (JUNG, 2013a, p. 487, § 905)

Ao analisar este conteúdo, pode-se dizer que o símbolo é algo autêntico em sua totalidade (ao contrário de representativo), e energizado através do tensionamento de forças opostas. É por meio do exercício dessas características e atributos que o símbolo sobrevive, permanecendo dinâmico. Caso estes atributos sejam integrados, o símbolo passa a perder sua potência energética, ou seja, ele se esvazia. Uma vez que isso acontece, a própria libido, com sua função autorreguladora, potencializa o seu oposto e cede lugar para a alegoria. A alegoria passa a ser a forma primeva para acessar a parte que fica deste símbolo. Nesse momento, esvaziar o símbolo, que se manifesta através da roupagem do sintoma, pode ser curativo. A linguagem alegórica permite esta interlocução pela via do ego, pois é uma estrutura de linguagem que permite acessar o sintoma como um sinal e, através dela, pode-se acessar a parte legível desse símbolo, ou seja, a parte do adoecimento que escapa à consciência.

Essa ideia, de certa forma, estabelece uma dicotomia entre símbolo e alegoria. Enquanto o adoecimento pode ser expresso simbolicamente, só consegue-se apreendê-lo através do sinal, por isso, a alegoria é utilizada para acessá-lo. Ao desmistificar um símbolo, ele perde sua potência. Enquanto olhamos para ele como um símbolo, ele se torna inalcançável. Mas os sintomas materializados no corpo-psique nos revelam, através da linguagem alegórica, uma chave pra desvendar o mistério do símbolo.

O ADOECIMENTO ATRAVÉS DO CONTO

Este trabalho utiliza um conto da tradição oral indígena brasileira, identificada como pertencente ao povo Bororó. A partir das imagens míticas percebidas nesta narrativa, é possível identificar que há temas míticos que se presentificam, através de elementos específicos relacionados ao povo Bororó, mas que também transpõem o enredo particular daquele povo por meio de contextos que possuem elementos que também carregam, em si, símbolos universais com os quais pessoas de qualquer lugar podem se relacionar, ou seja, que pertencem à dimensão do inconsciente coletivo. Contudo, para fins deste trabalho, pretende-se ater ao tema específico que relaciona a narrativa da lenda das duas árvores com o adoecimento humano.

O conto lança mão da linguagem alegórica para fazer referência a aspectos culturais e históricos dos Bororo, transmitindo, assim, imagens arquetípicas (símbolos universais) que podem ser acessíveis por meio de expressão alegórica. Através dessas referências específicas, o conto permite

que esses símbolos universais sejam “entregues” e assimilados de maneira sistêmica, com reações específicas a esta cultura e localização.

Quem são o povo Bororo?

Os índios Bororo, autodenominados *Boe*, têm sua origem na região sudoeste do Estado de Mato Grosso. O termo Bororo significa “pátio da aldeia” e atualmente é a denominação oficial. Sua cultura é caracterizada por uma complexa organização social e rica vida cerimonial cujas casas têm disposição circular ao redor do pátio central da aldeia. Estima-se que tenham habitado a região durante pelo menos sete mil anos. Na década de 1970, o alto grau de violência histórica em relação aos Bororo fez surgir um movimento reivindicatório pela recuperação de suas terras tradicionais e pela melhoria dos serviços de saúde e educação.

É interessante perceber também como os Bororo interpretam a morte, para compreender a função curativa e transcendente dela. De acordo com as informações encontradas no Museu Virtual da Universidade de Brasília¹, o funeral entre os Bororo é o ritual mais longo e significativo de sua cultura, no qual os cantos, danças e atividades de produção de artesanato, caça e pesca são transmitidos às novas gerações. Além disso, é nesse momento que há uma reorganização social, reforçando alianças e coesão grupal, reorganização esta que faz com que sejam reconhecidos formalmente novos membros da sociedade.

Nos rituais fúnebres, são evidenciadas as concepções de vida e morte, de ancestralidade, de relação com a natureza, com o tempo e com o sobrenatural, e a morte é vista como uma passagem para uma nova vida. A abordagem ritual é uma expressão estética e tem como foco o corpo material, pois as manipulações simbólicas e literais têm papel central no acesso do espírito ao mundo dos céus, garantindo a continuidade da categoria social do indivíduo morto. O luto é encerrado após a caça de um animal, simbolizando a vitória da vida sobre a morte.

Análise do Conto a Lenda das Duas Árvores

O mito da “Lenda das Duas Árvores” narra, através de uma linguagem alegórica, como forças opostas podem gerar novas oportunidades de transcendência, e como a união de duas forças podem gerar um terceiro elemento. Segundo o conto, existiam duas árvores sagradas: a Árvore da Vida e a Árvore da Morte. A Árvore da Vida era vista como fonte curativa de saúde e vitalidade, enquanto a Árvore da Morte, como uma fonte destrutiva de doença e morte.

Certo dia, um jovem Bororo ficou gravemente doente, e nenhum dos curandeiros da tribo conseguia encontrar a cura para sua enfermidade. Desesperado, o jovem foi até as duas árvores sagradas e pediu a elas que o ajudassem. As duas árvores, então, se uniram e geraram uma nova árvore, que possuía características de ambas, mas que também tinha sua própria singularidade. O jovem foi até essa nova árvore e comeu de seus frutos, e logo se curou completamente. A criação da nova árvore, representa a restauração do equilíbrio e um exemplo de como essa integração pode levar à transcendência e à cura. A Árvore da Vida e a Árvore da Morte representam esses opostos. A primeira é associada à saúde e vitalidade, enquanto a segunda é associada à doença e morte.

Considerando a relação dos opostos e o princípio de *enantiodromia*, podemos entender a lenda das duas árvores como uma alegoria através da qual é possível representar de forma mais acessível à consciência aspectos simbólicos relacionados à experiência de cura e de adoecimento na medida em que os atributos de ambas as árvores são integrados para alcançar a totalidade e o equilíbrio.

Na perspectiva junguiana, a doença é vista como um sinal de que há um desequilíbrio entre esses opostos. Quando um aspecto da psique é reprimido ou negado, isso pode levar a uma inadequação que se manifesta no corpo físico. Jung diz que:

Um funcionamento inadequado da psique pode causar tremendos prejuízos ao corpo, da mesma forma que, inversamente, um sofrimento corporal consegue afetar a alma, pois alma e corpo não são separados, mas animados por uma mesma vida. Assim sendo, é rara a doença do corpo, ainda que não seja de origem psíquica, que não tenha implicações na alma. (Psicologia do inconsciente (JUNG, 2014, p. 127, § 194)

O jovem Bororo, ao ficar gravemente doente, representa o desequilíbrio entre esses opostos. Ele não conseguiu encontrar a cura através dos curandeiros da tribo porque precisava encontrar a integração entre as forças da vida e da morte dentro de si mesmo.

Ele se voltou para as duas árvores sagradas como uma forma de pedir ajuda. A união das duas árvores e a criação de uma nova árvore representam a integração desses opostos, que resultou em algo novo e singular. A nova árvore, que tinha características de ambas, simboliza a restauração do equilíbrio entre essas forças opostas na psique do jovem. Ele comeu dos frutos da nova árvore e se curou completamente, o que representa a cura física e psicológica resultante da integração desses opostos.

O fruto em si não era a cura propriamente dita; comer o fruto desta nova árvore não é era a cura em si. A cura estava no que era possível acessar através do conteúdo do fruto. O fruto era uma paráfrase da cura, algo material e circunscrito dentro do contexto histórico e social característico do povo Bororo. A alegoria presta este serviço de permitir acessar algo que está na ordem do inteligível.

Segundo Jung, a alegoria é uma paráfrase de um conteúdo consciente, ao passo que símbolo é a melhor expressão possível para um conteúdo inconsciente apenas pressentido, mas ainda desconhecido”. (JUNG, 2013a, p. 487). Portanto, a alegoria consiste em transformar uma expressão simbólica em algo mais conhecido, uma paráfrase. Por outro lado, um símbolo é a melhor expressão para algo e está repleto de significado. Quando o símbolo adquire um significado único e outra expressão é utilizada para representar o significado original, ele perde sua vitalidade e torna-se apenas uma lembrança histórica. É por essa razão que

um símbolo é sempre mais do que podemos entender à primeira vista. Por isso não nos detemos diante de um sinal, mas vamos até o objetivo para o qual aponta; no caso do símbolo, porém, nós paramos porque ele promete mais do que revela (JUNG, 2013e, p. 231, § 482).

Como já foi apresentado, a função transcendente é uma função superior que transcende as funções psíquicas no nível da consciência. Essa função é considerada como tal porque permite que as polaridades opostas sejam reconciliadas de forma sintética. É uma função que atua como um guia interno para o indivíduo, ajudando-o a encontrar significado e propósito em sua vida.

Também pode-se perceber que o alimentar-se do fruto é o caminho que permite com que o jovem Bororo possa conectar com o inconsciente coletivo, permitindo a ele acessar a sabedoria universal e sua ancestralidade espiritual. O conto da “Lenda das Duas Árvores” mostra que, assim como as duas árvores sagradas se uniram para gerar uma nova árvore com poder de cura, a função

transcendente da psique pode surgir a partir da união de forças opostas, gerando novas oportunidades de transcendência e cura. A história mostra que essas duas árvores mantinham uma conexão do “tipo polar”² e a partir da reconciliação dos opostos algo novo surgiu. Algo que tem sua própria essência e que não é nem uma coisa nem outra. Tampouco é uma fusão dos opostos pois surgem como um terceiro elemento com sua própria essência.

Através do conto é possível perceber como a expressão alegórica amplia e dá força e significado a conteúdos simbólicos da vida e da morte. Ela permite essa interlocução entre o complexo do eu e a imagem arquetípica do si-mesmo, na medida em que transita entre o sentido literal do adoecimento e da cura, com seu sentido simbólico da vida e da morte. A cura na realidade não é nem a vida nem a morte, mas a integração de ambos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender o símbolo como correlato à função transcendente, e função transcendente como uma espécie de caminho de maturação ou cura é ao mesmo tempo consentir que seu oposto faz parte desse eixo; é necessário aceitar que a perspectiva de não-cura, está no mesmo eixo de polaridade que atua como força compensadora da dimensão de cura. O adoe(s)er, portanto, compõe um aspecto do constante vir-a-ser deste processo de tornar-se si-mesmo. O si-mesmo aqui como estrutura arquetípica que representa a totalidade do indivíduo.

É neste ponto que surgem algumas das perguntas que permearam este estudos. Perguntas estas que tentam ser mais reflexivas do que precursoras de alguma resposta cerrada: Se para tudo que existe (mesmo o inteligível), podemos considerar o seu oposto, qual seria o oposto do símbolo? E se o símbolo está relacionado a uma experiência de integração e “cura”, estaria o seu oposto relacionado ao adoecimento? O humano, moderado pelo ego, não consegue muitas vezes compreender as mensagens do inconsciente, pois estas se apresentam em forma de imagens simbólicas, então seria a alegoria para o consciente o que o símbolo é para o inconsciente?

Serbena (2010), em seu artigo *Considerações sobre o inconsciente: mito, símbolo e arquétipo na psicologia analítica*, fala da importância de se compreender a diferença entre o pensamento analógico do inconsciente e o raciocínio lógico da consciência. Enquanto a consciência moderada pelo ego opera por meio da lógica causal, o inconsciente funciona por analogias e imagens. O autor destaca que é essencial entender que a interpretação dos produtos do pensamento analógico, como sonhos, mitos e imagens, não deve ser feita dentro do campo da lógica linear, pois os critérios de verdade são diferentes.

Através deste estudo, constata-se igualmente, que acessar o símbolo em toda sua potência também não é possível. Então por isso é necessário lançar mão da alegoria como uma forma de circunscrever o conteúdo que busca integração dentro de uma dimensão do eu (ego).

Nesse sentido, o estudo propôs olhar para os sintomas do adoecimento, tanto psíquico quanto somático, como algo que busca trazer à cena este conteúdo imagético, simbólico. E que o sintoma, do grego *syn* (junta) e *tomos* (pedaços), é justamente isso: algo que junta os pedaços, as partes; pois tudo que é parte, parte de algum lugar. O sintoma que denuncia e anuncia o adoecimento é algo que indica um caminho e dá um sinal. Enquanto que as manifestações psíquicas ou somáticas podem ser vistas como uma das maneiras pelas quais o si-mesmo do indivíduo busca autorregular e integrar conteúdo inconsciente com o consciente.

A alegoria, enquanto um sinal, também indica um caminho, mas não é o caminho em si. Todavia, nos permite uma identificação maior com o símbolo porque na alegoria tem algo do

literal, da caracterização, da máscara social. Ali me percebo espelhado, enquanto que o símbolo é tão abrangente que ao passo que me conecta com a totalidade do meu si-mesmo (self), também me obscurece. Se o símbolo representa a totalidade, a alegoria representa a parte desta totalidade que dou conta. Se o símbolo é o divino, a alegoria me aponta um caminho, ao reino profundo do si-mesmo, ela marca a trilha.

Este fenômeno aponta para algo além da compreensão consciente e, muitas vezes, revela algo que não pode ser expresso através da dimensão racional. Ele pode ser compreendido como um conteúdo simbólico que precisa ser revelado para permitir a possibilidade de integração e harmonização. Quando o sujeito não consegue sintetizar e interagir com esses símbolos, a alegoria ganha valor como uma representação ou locutor do símbolo. A alegoria tem o poder de organizar e estruturar esse conteúdo, enquanto o simbólico permanece velado e misterioso.

Existe um espaço entre a alegoria e o símbolo, como se fosse um vazio sensorial que tem uma função transgressora (transforma a agressão), estabelecendo através da narrativa uma relação do tipo polar entre alegoria e do símbolo. Ou seja, cada vez que uma história é contada, o símbolo ressurge de forma localizada, a alegoria é como se fosse uma passarela que leva à ponte que conduz ao universo simbólico, mas nunca à ponte em si.

Finalmente, é possível pensar o adoecimento como uma alegoria da função transcendente, na medida em que a energia psíquica é dinâmica e que estamos constantemente transcendendo à condição anterior. O símbolo apesar de perder potência, não morre verdadeiramente, nunca deixa de existir, já que é inesgotável; ele sempre vai deixar uma marca, contar uma história. Pode-se fazer uma analogia com a imagem de uma espécie de cicatriz como resultante da função transcendente. Esta cicatriz vincula o sujeito ao símbolo, a história do indivíduo, da sua aldeia, de seu povo, de sua região e de sua nação e, em maior instância, de toda a humanidade. Esta cicatriz seria uma expressão alegórica, de um símbolo despotencializado, mas que permite que ele renasça novamente. De certa forma, o adoecimento enquanto alegoria, nos possibilita manter o símbolo vivo.

Pensando neste sentido, o adoe(s)er pode realmente ser, em algum determinado momento, a melhor expressão de algo, pois o compreendemos como parte integral de um movimento contínuo do self (o núcleo central da psique) em um constante vir-a-ser. O adoecimento está a serviço do self. No seu caráter mais íntimo é uma estratégia curativa. O adoecimento e seus sintomas manifestos são, portanto, uma alegoria da função transcendente. Pode-se pensar, então, a alegoria como algo que é expressa de forma única em cada pessoa, mas, ao mesmo tempo, é arquetípica, pois acontece com todos os seres humanos.

Espera-se que a partir deste estudo crie-se possibilidades de perceber que podemos nos aprofundar através de qualquer narrativa e portanto estimule utilizar mais narrativas indígenas para valorizar nossa própria cultura brasileira. Espera-se também que amplie a forma como se entende o adoecimento, pois sempre há um tensionamento entre duas forças opostas e que em termos gerais o que se busca, é uma equalização destas forças e que isto é próprio da natureza humana e do cosmos. A relação entre símbolo, alegoria e função transcendente foi a maneira escolhida para trazer esta reflexão e tratar deste fenômeno que está acontecendo a todo instante. Apesar de focar no indivíduo, o estudo deixa também espaço para ampliar esta análise para contextos coletivos e sociais, pensando em adoecimentos coletivos como um sintoma social e que também poderíamos aplicar em contextos históricos o princípio da enantiodromia, onde, através do tensionamento de forças opostas se criam uma terceira via ou configuração social que não é nenhum lado, nem outro, mas que possui atributos únicos e sua própria essência.

ILLNESS AS AN ALLEGORY OF THE TRANSCENDENT FUNCTION: A VIEW FROM THE JUNGIAN APPROACH

Abstract: from the perspective of Analytical Psychology, an integrative understanding of illness is sought as part of an archetypal movement of individual and collective transcendence proper to the totality and body-psyche identity. It is intended to create possibilities to perceive the illness and the psychic and somatic symptoms as a type of language that permeates between the symbolic and the allegorical. Using the Brazilian indigenous tale “A Lenda das Duas Árvores” and texts by Jungian and non-Jungian authors, the article makes a theoretical-interpretive articulation between the images that emerge through the narrative of the tale with the concepts of transcendent function, symbol and allegory to then relate them to illness considering their curative quality in the biological and psychic dimensions of the soul. In this way, illness is perceived as a kind of solution of the body-psyche unit to communicate something that transcends the ego and reveal (bring to consciousness) something that is veiled and within the scope of the unconscious.

Keywords: *Health. Illness. Analytical Psychology.*

Notas

- 1 Disponível em: <http://bororo.museuvirtual.unb.br/index.php/en/blog/o-funeral>. Acesso em: 15 fev. 2023.
- 2 Por tipo polar, Perini afirma que “os objetos estão ligados por uma relação de exclusão, mas quanto à sua força de significação estão ao contrário, ligados por uma relação de tipo polar que os mantém em estado de tensão. Jamais chegando a uma síntese total (...)” (PIERI, 2022, p. 355-356).

Referências

- ANDRADE, Marcelo Pereira. Barroco, símbolo e alegoria em Walter Benjamin. *Analecta*, v. 8, n. 1, p. 47-54, 2007.
- CEIA, Carlos. Sobre o conceito de alegoria. *Matraga*, Lisboa, n. 10, 1998.
- DAMIAO JR, Maddi. A função transcendente: algumas reflexões sobre o processo de criação. *Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais*, v. 14, n. 4, p. 1-17, 2019.
- JACOBI, Jolande. *A psicologia de CG Jung: uma introdução às obras completas*. Editora Vozes Limitada, 2013.
- JUNG, Carl Gustav. *Tipos psicológicos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013a.
- JUNG, Carl Gustav. *Freud e a psicanálise*. Editora Vozes Limitada, 2013b.
- JUNG, Carl Gustav. *A natureza da psique*. Editora Vozes Limitada, 2013c.
- JUNG, Carl Gustav. *A energia psíquica*. Editora Vozes Limitada, 2013d.
- JUNG, Carl Gustav. *A vida simbólica*. Editora Vozes Limitada, 2013e.
- JUNG, Carl Gustav. *Psicologia do Inconsciente*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- NASSER, Yone Buonaparte d'Arcanhy Nobrega. A identidade corpo-psyque na psicologia analítica. *Estudos e pesquisas em psicologia*, v. 10, n. 2, p. 325-338, 2010.
- PIERI, Paolo Francesco. *Dicionário junguiano*. Editora Vozes, 2022.
- PONTALIS, Jean-Baptiste; LAPLANCHE, Jean. *Vocabulário da psicanálise*. Santos: Martins, 2001.
- SAMUELS, Andrew. *Dicionário crítico de análise junguiana*. Imago, 1988.
- SERBENA, Carlos Augusto. Considerações sobre o inconsciente: mito, símbolo e arquétipo na

psicologia analítica. *Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies*, v. 16, n. 1, p. 76-82, 2010.

VIEIRA, André Guirland. Imagem, símbolo e narrativa na psicologia analítica de C.G. Jung. *Tese de Doutorado* (Psicologia do Desenvolvimento) - Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003.